

Os dias chuvosos e ensolarados da poesia do melancólico Ribeiro Couto*

Vera Lins

TALVEZ POUCOS TENHAM LIDO VERSOS do poeta aqui reunido. Ribeiro Couto é mais conhecido como amigo de Bandeira do que como poeta e contista. Lembramos ele ainda como quem cunhou a expressão "homem cordial", que, nas mãos de Sérgio Buarque de Holanda, iria render muita polêmica. Embora um romance seu, "Cabocla", tenha virado novela, é mais conhecido em Portugal, onde viveu, do que no país do qual foi embaixador em várias partes do mundo.

Que critérios presidem a uma seleção de melhores poemas é a questão que se coloca de imediato. Ribeiro Couto é poeta menor, afirma no início o organizador, o poeta José Almino. O que o leva a se ocupar do poetinha? Na introdução, Almino revê a idéia de poeta menor como a trabalhosa conquista de uma dicção especial, de brilho singular.

As imagens da capa do livro, uma figura de costas sob a chuva, numa foto meio desfocada e um recorte de uma janela aberta com a vista ensolarada de outras janelas, dão uma boa idéia do que se encontrará. Os poemas de Ribeiro Couto ou são decalcados na imprecisão

* Publicado em O Globo/Prosa & Verso, Rio de Janeiro, 11.01.2003.

do tom cinzento de dias de chuva ou se iluminam em passeios ao sol. Mas por todos passa uma vaga melancolia, que talvez seja o que mais atrai o organizador. A melancolia, muito falada, a partir de Walter Benjamin e da gravura de Dürer, era um dos quatro humores que nos identificavam na medicina renascentista como coléricos, sanguíneos, fleumáticos ou — melancólicos.

A partir daí se caracterizam os melancólicos como imaginativos, pensadores, poetas e artistas dados à reflexão, que podem extravar em outros universos sensíveis. A melancolia atravessa os melhores poemas de Ribeiro Couto, aliada a um erotismo que o faz buscar e esperar uma mulher que partiu, que vai partir ou provavelmente não vem: "Esperei a tarde inteira/ E desespero por fim./ Não virás. Uma goteira/ Está chorando por mim".

"Tudo é imobilidade, é silêncio e é vazio"

Alguns como este são canções, o que faz dele um lírico resistente às dissonâncias da poesia que, radicalizadas, levam-na, desde o fim do século XIX, a se afinar mais à música atonal, ao dodecafonismo. Não se espere nada disso de Ribeiro Couto. Ele, no seu movimento de interiorização, vai falar da província, em poemas que são notações de cor e som da vida de cidades pequenas, com largo da Matriz, violão e vaga-lumes que lhe ensinam "o exercício quotidiano da humildade". A chuva põe uma névoa entre ele e as coisas do mundo, e faz com que se interrogue, procurando fora do quadro, como a mulher de asas da gravura de Dürer, que, cercada por objetos e instrumentos, tem um olhar perdido para além dos limites traçados. O olhar suspende o mundo: "Tudo é imobilidade, é silêncio e é vazio". A morte também lhe ocupa o pensamento, mas não o dilacera. Ribeiro Couto aceita com certa sabedoria e boa dose de ternura tudo o que faz parte da humana condição.

Seu tom de surdina, a fala mansa, opõe o poeta aos estrepitosos modernistas, seus contemporâneos. Mas, em alguns momentos, faz suas pesquisas do nacional-popular, abrindo a linguagem para um ritmo de festas e ritmos brasileiros.

Sua poesia se faz de paisagem, um horizonte que interroga com o olhar, e a delicadeza. Para ele há uma trágica doçura na vida, que a poesia acentua ou revela. E essa palavra,

como a chuva, torna imprecisa a paisagem externa, fazendo com que o sujeito se interiorize e, como a mulher de asas da gravura de Dürer, imagine, pense e acompanhe seus movimentos mais sutis na direção de algo que deseja e lhe escapa. Nos poemas, geralmente, isso toma a forma de vulto feminino sob a chuva ou é apenas cheiro vago, "sinuoso aroma". O que, num poema como "Travessia", soneto melancólico, leva a interrogação dos limites entre sonho e despertar, entre imaginário e real: "É a sensação de um barco que naufraga/ Este passar do incerto para o certo,/ O descobrir do sol quando desperto/ E logo a vida que vivi é vaga".

Mar e cais também são imagens recorrentes na poesia de Ribeiro Couto, que lembra Pessoa: "Toda cais é uma saudade de pedra". Os anos que passou em Portugal estão na sua linguagem nessa presença do mar, de certos lugares e nas afinidades que explora com a nostalgia e a saudade portuguesas. Fez amigo entre os intelectuais e poetas do país como Jorge de Sena e foi bem mais lido lá do que aqui. Quando nossa relação com Portugal sempre se marcou pela fina ironia ou a piada escancarada, com ele a simpatia inunda versos, como estes: "Onde o Brasil principia/ Não acaba Portugal".

Detalhes da paisagem transformados em poesia

Nos poemas ensolarados o poeta retoma de românticos e simbolistas o flâneur, recolhendo as sugestões da cidade, vendo, ouvindo e transformando detalhes de paisagem em pensamento e poesia. A sensação de abandono em "Céu de inverno" produz a reflexão sobre a miséria da terra. E o melhor da seleção talvez sejam os sonetos finais, como "Chuva e sol".

O movimento reflexivo, marcado por uma certa tristeza, talvez venha de encontro ao que nos falta hoje, em meio ao barulho do espetáculo que nos atordoa e torna pensar hábito difícil e raro. Hábito benquisto do melancólico Ribeiro Couto que nos convida a dividir a saleta, enquanto a chuva cai lá fora, ou a passear em dia de sol.